

**HEIDEGGER E O PROBLEMA DO CONHECIMENTO TÉCNICO
CIENTÍFICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

[HEIDEGGER AND THE PROBLEM OF SCIENTIFIC TECHNICAL
KNOWLEDGE FOR TEACHING PHILOSOPHY]

Alexandre Soares de Sousa
alexandre74.ssoares@gmail.com

Possui Licenciatura e Bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2004) e mestrado em Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2017).

DOI: [10.25244/tf.v12i2.382](https://doi.org/10.25244/tf.v12i2.382)

Recebido em: 17 de dezembro de 2019. Aprovado em: 17/03/2020

Caicó, ano 12, n. 2, Jul.-Dez., 2019, p. 141-155, ISSN 1984 - 5561
Fluxo Contínuo



Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

Resumo: O presente artigo objetiva identificar a filosofia nos moldes gregos se valendo do questionamento que se elaborava a partir de tudo que existe, ou seja, o ser. Este questionar fez com que esses primeiros homens se abrissem ao pensamento de tal maneira que os levassem a perceber algo diferente ou o que está por trás das coisas, sua essência. Heidegger guiado por essa tradição recoloca a filosofia no lugar de onde ela nunca deveria ter saído, a cotidianidade (praças públicas, mercados, padarias, etc.). Esta saída ou desenraizamento do filosofar da vida diária é que a conduziu ao que conhecemos por Metafísica ou a uma amnésia filosófica. Esquecida àquela forma de se filosofar originária iniciada pelos gregos, o que resta agora, para que ela permaneça viva e ativa nos dias hodiernos, é atribuir à filosofia funções que não lhe diz respeito, melhor dizendo, trata-la igualmente ao conhecimento técnico-científico. Deste jeito ela está garantindo a sua sobrevivência se transformando em algo útil. De acordo com Heidegger foi a metafísica responsável em conduzir a filosofia para uma cientificidade ou eficiência. Por essa razão não se chega a uma definição acerca da filosofia, porque é esta uma indeterminável.

Palavras-chaves: Técnica. Ciência. Filosofia. Homem.

Abstract: This article aims to identify philosophy in the Greek way, using the questioning that was elaborated from everything that exists, that is, being. This questioning caused these first men to open themselves to thinking in such a way as to lead them to perceive something different or what is behind things, their essence. Heidegger guided by this tradition puts philosophy back where it should never have left, everyday life (public squares, markets, bakeries, etc.). This exit or uprooting of philosophizing from daily life has led to what we know as metaphysics or philosophical amnesia. Forgotten to that original way of philosophizing initiated by the Greeks, what remains now, so that it remains alive and active in today's days, is to attribute to philosophy functions that do not concern it, in other words, treat it equally to technical and scientific knowledge. In this way it is guaranteeing its survival by becoming something useful. According to Heidegger, it was metaphysics responsible for leading philosophy towards scientificity or efficiency. For this reason, a definition about philosophy is not reached, because it is an indeterminable one.

Keywords: Technique. Science. Philosophy. Man.

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

INTRODUÇÃO

Falar de filosofia demanda um cuidado muito melindroso, pois não queremos suscitar querelas, uma vez que o caminho que se percorre é de um campo minado. Temos que pisar sabendo onde estamos pisando, para não afrontar ninguém nem descredibilizar alguma corrente filosófica. Também, trata-se de linguagem e conhecimento aprofundados, próprios e específicos do vocabulário dela. Parece coisa de outro mundo. Por ser assim, em sua história, a filosofia se apresentou de maneira estranha. Este estranhamento é, devido aos assuntos abordados por ela, os quais estavam voltados para realidades organizadas pelos filósofos, denominadas de “ultrassensíveis”, “inteligíveis”, “transcendental”, “abstrato”; em outros termos, metafísica. Esse modo de concebê-la, já que estava direcionado para um mundo fictício e diferente do nosso, fez com que a filosofia fosse abandonada. E seus protagonistas, os filósofos, vistos igualmente a pessoas com as cabeças voltadas para o alto.

Desse entendimento comum sobre a filosofia, chegou-se à conclusão de que ela é uma coisa que diz nada com nada. Por não dizer nada com nada, porque não atende ao padrão preponderante de conhecimento atual, ou seja, o técnico-científico, ela tende a se fragmentar. Esta situação é preocupante, uma vez que a filosofia, de acordo com o pensamento hodierno, não serve para nada, quer dizer, não tem utilidade, não é comestível. Por esse motivo, não são poucas as vozes que se levantam, pedindo urgentemente que a mesma seja destacada dos currículos escolares.

O fato de uma coisa não atender normas, esquemas, paradigmas, não significa que ela paulatinamente ou automaticamente deva ser descartada. Isto faz parte dessa cultura do descartável, em que o que não serve mais tem que ser jogado no lixo: o papel, o copo, a caneta, a lâmpada que queimou, o computador que deu pane, o carro que não consegue dá mais ignição etc. Isso faz nos pensar na quantidade de lixo produzida, entornando diariamente os lixões e poluindo o planeta.

Por não se apresentar como conhecimento técnico e científico, a filosofia vai pendendo os espaços que ela ocupava. E cada vez mais, esses espaços são preenchidos por conhecimentos que produzem algo útil, conveniente, prático, repentino, isto é, feitos para atender a necessidades momentâneas.

Nossa contribuição nesse artigo é mostrar que a filosofia é algo que faz parte de nossa existência, ou seja, desde a mais tenra idade, em nosso primeiro ato de admiração e de espanto com o mundo, até a morte definitiva, quando daí ocorre o último suspiro do filosofar. Assim, queremos dizer com isso que, ela não é algo distante de nós, mas nós mesmos em construção, melhor dizendo, a filosofia não se define enquanto repousar em nós o mistério.

AMEAÇA DO CONHECIMENTO TÉCNICO-CIENTÍFICO PARA A FILOSOFIA.

A filosofia no decorrer de sua história até início da Idade Moderna, imperava como único conhecimento capaz de atender aos apelos dos homens. Esta característica a elevou à

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

“rainha de todas as ciências”. Ela carregou este título majestoso por muitos anos. Com o passar dos anos, este argumento ficou fragilizado e ultrapassado, uma vez que sofre com o impacto da chegada da ciência moderna e, por conseguinte, da técnica. Estas surgem abalando sua convicção de realeza, ou seja, aparecem para destrona-la. Eis que irrompe a ameaça à filosofia.

Com o advento da modernidade, apresenta-se o desejo de transformar a filosofia em ciência que, conseqüentemente, inicia-se com Descartes. Ele a partir das ciências exatas e da natureza, especificamente com a matemática, desenvolve uma maneira para que o conhecimento filosófico tivesse aspecto científico. Em seu rigor metódico e sistemático, Descartes veste a roupagem da linguagem científica, afirmando que a mesma é verificável, mensurável, matematizada.

Heidegger enxerga por trás disso o engodo promovido pela metafísica, que se disfarçou de ciência e técnica para de novo dominar o campo do saber. De acordo com ele:

A filosofia se acha necessariamente fora de seu tempo, por pertencer àquelas poucas coisas, cujo destino consiste em nunca poder nem dever encontrar ressonância imediata na atualidade. Onde tal parece ocorrer, onde uma filosofia se transforma em moda, é porque ou não há verdadeira filosofia ou uma verdadeira filosofia foi desvirtuada e absurda segundo propósitos alheios, para satisfazer às necessidades do tempo. (HEIDEGGER, 1969, p. 39).

Com isso Heidegger adverte-nos para não cairmos na tentação de tratar filosofia como ciência e técnica, as quais nos conduzem para um caminho que atende apenas aos padrões determinados pela atualidade. Isto para ele não corresponde ao conhecimento filosófico, já que diz respeito a vontade de preencher as lacunas produzidas pelo tempo. Heidegger quer dizer com isso que, não faz parte da essência da filosofia, diferentemente da ciência e da técnica, apresentar soluções para os problemas da realidade.

A partir desse entendimento é que se ergue aquele novo-velho conhecido jargão acadêmico, que configura mais pertencer ao universo do senso comum do que a plêiade de homens, os quais se dizem amantes do saber: para que serve a filosofia? Esses homens contaminados pela ideologia cientificista e tecnicista, que tudo engloba de forma comensurável, vão aos poucos, descartando a filosofia do recinto universitário (de universo plural), para depois confirmar que ela não serve para nada, em razão de que o filosofar não atende aos paradigmas estabelecidos ou dominados pela eficiência e conveniência que tomou conta do saber nos dias de hoje.

Martin Heidegger assegura que o intuito desse modo de pensar é mostrar que a saída e a sobrevivência da filosofia dizem respeito a mesma, adaptar-se ou camuflar-se com o método técnico-científico de verdade, uma vez que conforme esse método, verdade é aplicar critérios como: verificabilidade, comensurabilidade, tecnização etc. Este é o propósito do pensamento hodierno, que em nada se assemelha com o pensamento filosófico.

Heidegger confirma que essa compreensão pujante tem um poder de sedução e persuasão que nos torna capazes de acreditar em que não acreditamos e desacreditar em que acreditamos. Ele descreve detalhadamente como essa força consegue nos convencer, chegando sutilmente igualmente a quem não quer nada. Segundo ele:

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

Isso ocorre muitas vezes de um modo muito inocente e que rapidamente se impõe. Até se crê ter feito pessoalmente a experiência e se ouve facilmente confirmada de que da filosofia “não se obtém resultado algum”: “com ela não se pode fazer nada. (HEIDEGGER, 1969, p. 42).

De acordo com Heidegger, a filosofia que quis e quer se igualar à maneira de ciência para permanecer viva e ganhar notoriedade nos dias atuais não serve para nada mesmo. Então, podemos anunciar sua morte ou seu fim, uma vez que ela não tem utilidade para nada?

Esta questão é respondida por Heidegger dessa forma:

Os senhores devem ficar logo desconfiados e suspeitando, quando juízos os mais correntes e até inclusive supostas experiências, os assaltarem de surpresa. [...] Ambas as maneiras de falar, que de modo particular correm nos círculos dos professores e pesquisadores das ciências, exprimem verificações de indiscutível exatidão. Quem tentasse provar-lhes que por fim se “obtem mesmo alguma coisa”, esse não faria outra coisa senão aumentar e consolidar a incompreensão reinante. Essa se cifra no preconceito, segundo o qual se poderia avaliar a filosofia de acordo com os critérios vulgares, com que se decide da utilidade de bicicletas ou da eficácia de banhos medicinais. (HEIDEGGER, 1969, p. 42).

Com essa atitude, Heidegger alerta aos seus contemporâneos, professores e pesquisadores da universidade, sobre o risco que corre a filosofia aderindo a esse modo de compreender. Assim, ele esclarece que o ensino verdadeiramente filosófico não se enfraquece por causa desse modismo. Este efêmero passa tempo caso não combatido, pode levar o pensamento ao enfraquecimento e, por conseguinte, ao fim. No tocante a esse assunto veremos abaixo como ele se desenvolve.

CREPÚSCULO DO PENSAMENTO OU DO SER HUMANO?

De acordo com Heidegger (2012, p. 37) uma só questão é necessário para filosofar, pois “[...] foi ela que deu fôlego às pesquisas de Platão e Aristóteles para depois emudecer como questão temática de uma real investigação”.

Ao tratar especificamente sobre si mesma a questão muda de maneira gigantesca, uma vez que não se trata de inquirir a respeito de um simples objeto, mas sobre o sentido e verdade do ser¹. Deste modo, a filosofia tem um olhar diferenciado dos demais tipos de conhecimento, porque compete a ela, e somente a ela, perscrutar acerca de sua própria

¹“Sentido do ser” e “verdade do ser” dizem a mesma coisa. (HEIDEGGER, 1996, p. 84).

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

essência. Por esta razão, Martin Heidegger (1969, p. 41) não hesita em afirmar “[...] a filosofia, por Essencialização, nunca torna as coisas mais fáceis senão apenas mais graves”.

O declínio do pensamento se deu por causa do esquecimento do sentido e da verdade do ser. Segundo Heidegger, deixar de investigar o ser foi o principal motivo, pelo qual o pensamento declinou. A título de informação, colaborando com Heidegger, cabe aqui registrar a afirmação de Roberto S. Kahlmeyer-Mertens, o qual tece o seguinte comentário:

Heidegger dissera reiteradas vezes, de diversos modos, em vários textos de diferentes períodos de sua lavra: ‘A pergunta pelo sentido do ser [...] é e, continua sendo *minha* questão e *minha única* questão, uma vez que vale para o que é o *mais único*’. (KAHLMEYER-MERTENS, 2015, p. 41).

Com essa posição, o autor ratifica o discurso de Heidegger em relação ao ser, pois torna relevante a questão debatida, não a tratando como mais uma questão catalogada pelas inquirições filosóficas. Por isto, não se refere a um assunto sem importância, porque remete à questão de todas as questões, o ser. O ser passa a ser o fundamento, o qual faz surgir outras questões. Por este motivo, o ser tomou conta do pensamento heideggeriano. Neste ponto, Heidegger ao tratar de ser, concomitantemente, trata também do homem. Por isto, para ele o ser abarca todas as questões, inclusive o humanismo, e nele se fundamentam, ou melhor, buscam raízes profundas para poderem ser.

Para Heidegger (1969, p. 35) isso significa que, entre todos os entes o homem é o único com capacidade para apresentar esse assunto. Em seus termos “[...] apenas um dentre eles sempre de novo se insinua estranhamente: o homem, que investiga a questão”. Isto para dizer que, reportando-se ao ser, ao mesmo tempo, Heidegger está se reportando ao homem. Há nisso uma simultaneidade, visto que, conforme ele, entre ser e homem existe uma interdependência.

A respeito dessa compreensão heideggeriana, que sustenta a interdependência do homem com o ser, pois somos devido a essa maneira de ser, Ernildo Stein (2011, p. 171) em acordo com Heidegger comenta que “[...] Heidegger discute a co-pertença de ser e homem, a partir da frase de Parmênides [...] dando o acento ao *αὐτό*, o mesmo: o mesmo, pois, é conhecer como também ser. Portanto ser e pensar pertencem ao mesmo”. Stein nos oferece uma sugestão para amarrar essa proposição.

Para ele ao substituímos

O pensar pelo homem de quem é característica, então instaura-se a mediação sobre a pertença à unidade de ser e homem. Acentuamos o pertencer do homem e do ser a uma unidade. O homem não está inserido no ser como os outros entes. (STEIN, 2011, p. 171).

Por esse motivo, em conexão com Heidegger, o qual afirma que o homem é por causa do ser, Stein (2011, p. 172) explana que “[...] o homem propriamente é essa relação com o ser. Ele é apenas isso [...]. Do pertencer ao ser surge a escuta do ser. O homem pertence (*gehört*) ao ser e escuta (*hört*) o ser”, querendo dizer de outra forma que, auscultar ao ser, o homem lhe deve obediência. Nesse caso, o homem e o ser traçam uma peculiaridade

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

que lhes são próprias, uma dependência *sui generis*. Quem obedece é porque a ele foi lhe encarregado um compromisso. Compromisso este que não é do homem, mas do ser, pois o homem apenas empresta o seu modo de ser para que o ser se desvele.

Por causa disso, em consonância com Heidegger, Stein afirma:

A condição do homem realmente exige que o ser se vele, para que o homem possa ser enquanto homem. É condição necessária, para o homem ser livre, que o ser se vele na clareira que abre no homem. É condição trágica da verdade do homem ser *ἀ-λήθεια*, portanto negação de *λήθη*, do ser que se esconde. O homem só pode afirmar o ser enquanto *λήθη*, ocultamento, negando seu ocultamento pelo alfa privativo *ἀ-λήθεια*. É condição do homem ser destinado por alguém que ele jamais conhecerá. [...]. Tudo isso quer dizer que o homem é constituído, em sua essência, quando o ser se retrai. (STEIN, 2011, p. 175).

Para Martin Heidegger isso implica dizer que, o homem é por causa da relação íntima que mantém com o ser. Esta relação faz com que o ser que está escondido se desvele, apareça no modo próprio de ser do homem. Com isto, ele quer dizer que todo esforço e toda força do pensamento está voltado para o ser, isto é, compreender o ser deve vir subentendido com o compreender do homem.

De acordo com Heidegger, o conhecimento metafísico que noutro tempo se caracterizou por abordar a questão do ser, porque achava que esta seria a questão fundamental, passou a ser uma ocupação, quer dizer, deixou de pensar. Por causa disto, o pensamento no que lhe concerne, transformou-se em meras opiniões, porque o motivo pelo qual surgiu a filosofia foi esquecido. E a causa de seu nascimento é o ser. Este é quem deu fôlego, impulso, admiração, espanto, entusiasmo aos primeiros pensadores, os quais se aventuraram nesse itinerário em seu encalço. Segundo Heidegger (1967, p. 28) “[...] em seus grandes tempos, os gregos pensaram sem esses títulos. Nem mesmo de “filosofia” chamaram o pensamento.”

Com base nisso, Heidegger confirma que o que temos são muitas especializações, ou seja, pessoas que se tornam peritas, habilitadas em determinada área do conhecimento. Com isto, há uma redução e dedicação mínima à totalidade, na qual, o ser está presente. Esta foi a razão pela qual a modernidade esquivou-se do problema do ser. Por se referir a algo generalizado, o ser passou a ser visto inutilmente. Em ocasião disto, surgiram os “ismos”, isto é, substitutos enfeitados de títulos que dizem de tudo, menos sobre a essência do ser. Até a filosofia foi atingida por esse estilo de pensar. Pensar não se restringe mais a questão do ser, uma vez que todos – *a priori* – já sabem o que é o ser.

Martin Heidegger afirma:

O “ser” é o conceito evidente por si mesmo. Em todo conhecimento, proposição ou comportamento com o ente e em todo relacionamento consigo mesmo, faz-se uso do “ser” e, nesse uso, compreende-se a palavra “sem mais”. Todo mundo compreende; “o céu é azul”, “eu sou feliz” etc. (HEIDEGGER, 2001, p. 29).

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

Isso leva a compreender que o ser, por ser o mais evidente por si mesmo, caiu em esquecimento. Heidegger (2001, p. 29) acrescenta que “[...] essa compreensão comum demonstra apenas a incompreensão. Revela que um enigma já está sempre inserido a priori em todo ater-se e ser para o ente, como ente”. Em razão disso, ele percebe que a filosofia constitui um perplexo e um complexo significado.

Acompanhando o pensamento heideggeriano, Gilvan Fogel assegura que:

A filosofia não é “coisa” nenhuma, a saber, nenhum dado, nenhuma informação, nenhum saber constituído, inventariado e armazenado nos livros, nos dicionários de filosofia, nos manuais. (FOGEL, 2009, p. 12).

Quando a filosofia passa a ser alguma coisa, é porque ela atende ao paradigma contemporâneo de pensamento, ou melhor, a filosofia se entifica e, à vista disso, o ser e o homem tornam-se a ser explicado tal qual qualquer coisa. Isto para dizer que, a coisa possui elementos que auxiliam a sua identificação, quer dizer, possui características do tipo: o livro é azul; trata de filosofia; o autor é italiano; contem duzentas e trinta páginas etc. Desta forma, o que (?) e o como (?) se interligam de tal maneira que formam uma dependência e somatório para determinarem o significado daquela coisa, que conhecemos por livro. Nisto, vem a lume, o que conhecemos por verdade: que é aquilo que é e como é uma coisa, ou melhor, a verdade é a fusão com o que e o como uma coisa, um ente é.

Conforme Heidegger, essa argumentação metafísica estava voltada para dizer o ser enquanto ente. Desta forma, entendia-se o ser do mesmo modo que se entendia um ente. Isto é o mesmo que debruçar-se em cima daquilo que a tradição chamou de *quididade* ou *essentia*, em outras palavras, aquilo que cada ente possui: seus modos particulares de ser. Isto é o mesmo que declarar o fim do pensamento, pois ele não pensa com a mesma força, vontade, gana como no início do filosofar. O pensamento, afirma Heidegger, chega ao seu término por causa desse entendimento metafísico, que em lugar de investigar o ser, confunde – o com o ente, dando a entender que entre ser e ente não há distinção.

Por isso, o pensamento para Heidegger:

Chega ao fim, compensa essa perda, valorizando-se como *techne*, isto é, instrumento de formação, para se tornar, com isso, atividade acadêmica e, posteriormente, atividade cultural. A filosofia se vai transformando, aos poucos, numa técnica de explicações pelas últimas causas. Já não se pensa ... Ocupa-se de filosofia. (HEIDEGGER, 1967, pp. 30-31).

Heidegger quer dizer com isso que, a filosofia passa a exercer função semelhante à da ciência e da técnica, uma vez que se produz resultados, responde às indagações, atinge metas, preenche os alvéolos da existência para se firmar perante a opinião pública como mais um tipo de conhecimento. Desta maneira, depende sua permanência na atualidade, já que para se manter atuante ela tem se adequar aos modelos impostos pelas necessidades do homem. Coisa que não faz parte de sua essência.

Desse modo, a filosofia para sobreviver tem que se descaracterizar, continuar o projeto metafísico, que fez do ser um ente, ou melhor, assumir os modos de ser da ciência e

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

da técnica moderna. Para desconstruir essa ideia metafísica de ciência e de técnica, e fazer com que ambas voltem para suas origens, Heidegger mostrará como isso se sucederá a partir do capítulo que segue.

FILOSOFIA: UMA ATIVIDADE ESSENCIALMENTE PRÁTICA?

Faz tempo que a filosofia vem sendo acusada de ser um conhecimento afastado da realidade. Isto se deve pelo seu caráter aparentemente teórico. Por causa disso não procede aquele entendimento de que o filósofo de tanto pensar está com a cabeça voltada para as nuvens ao ponto de cair num buraco. No “Teeteto”, Platão expõe de maneira cômica o comportamento de pessoas que não exercitam o filosofar, ou melhor, como esses compreendem o jeito de ser filósofo:

Viaja, como diz Píndaro, «nas profundezas da terra», medindo a terra e as suas extensões, e observa os astros, « sob o céu», explorando, por todo o lado, [174a] toda a natureza, no todo de cada uma das coisas que são, nunca se rebaixando para aquilo que está perto.

TEO. — O que queres dizer com isso, Sócrates?

S. - Tal como, quando Tales observava os astros, Teodoro, e olhava para cima, caiu num poço. Conta-se que uma bela e graciosa serva trácia disse uma piada a propósito, visto, na ânsia de conhecer as coisas do céu, deixar escapar o que tinha à frente, debaixo dos pés. Esta graça serve para [b] todos os que se dedicam à filosofia. Pois, a uma pessoa assim, o que lhe está próximo, o seu vizinho, é um desconhecido; não só o que faz, como se é mesmo um homem ou qualquer outra criatura (PLATÃO, 2010, p.247).

Aquele entendimento de que o filósofo é uma pessoa desenraizada do mundo, que vive com a cabeça nas nuvens e de tanto olhar para elas acaba caindo num buraco, é uma lenda atribuída a Tales de Mileto. Mais um conto pitoresco, quando não interpretado de maneira correta, que põem em dúvida e compromete a seriedade do exercício do filosofar. Para Spinelli esses filósofos,

Foram levados a observar os céus por outra ótica, mas com propósitos bem definidos: decifrar o cosmos enquanto cosmos, compreendê-lo em si mesmo e em referência ao mundo humano (ao seu ser e ao seu lugar existencial). Foi por força dessa referência que eles fizeram algo que os tornou distintos dos demais (SPINELLI, 2006, p. 50).

Ao vulgo a respeito disso já se é esperado um comportamento que equivale a esses esclarecimentos. Para aqueles a filosofia é uma ciência; o filósofo é uma pessoa que utiliza

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

uma linguagem inaudita, isto é, uma maneira de comunicar que unicamente somente compreende quem pertence ao círculo fechado dos filósofos.

Estar inserido, imerso, enraizado, misturado e pertinente às coisas em volta de si mesmo, sem que com isso perca sua identidade diferencial, ou melhor, nunca deixar se perder, é isto que caracteriza o filosofar.

Com isso podemos afirmar que o filósofo é: a encarnação do Logos (és que a palavra se desvela na carne ou melhor no homem); é o Daimon socrático; é a ponte que liga e desliga o real ao ideal e é a diferença do ôntico do ontológico.

Filosofar é projeto de finitude. Projeto estar a dizer lançamento. Lançar implica dizer sair de algum lugar, ponto de apoio ou fundamento. Por isso ser finito não é aquilo que é desfeito, jogado igualmente se joga uma bolinha de papel ou casca de banana na lixeira. Isto não significa a nossa condenação ou destruição.

A partir disso, podemos inferir que a filosofia ainda é um conhecimento afastado da realidade ou do mundo, que não manifesta preocupação ou envolvimento com o contexto em que se encontra?

Preocupa-nos muito essa questão, visto que a própria é tendenciosa e maliciosa, pois tende a colocar a filosofia num beco sem saída. Para nos auxiliar nessa investida, recorreremos ao que falou o filósofo Hans-Georg Gadamer a respeito da carta *Sobre o humanismo*. Segundo ele, nela é abordado o tema da ética, uma vez que este assunto fazia parte dos círculos de discussão entre os franceses. Estes percebiam, no discurso heideggeriano, uma ausência do assunto proposto, ou seja, eles almejavam auscultar sobre temas do cotidiano, que se relacionavam com a *práxis* e a ética. Assim, Gadamer a descreve:

A Carta sobre o humanismo fala nesse caso de uma linguagem clara. Trata-se do tema da ética, do qual os leitores franceses de Heidegger sentiam a falta nele e do qual Jaspers certamente também sentia a falta nele. Heidegger volta-se contra essa exigência e contra essa requisição. Não porque ele subestimava a questão da ética ou a constituição social do ser-aí, mas porque a missão de seu pensamento o impelia para questões mais radicais. “Nós ainda estamos longe de levar suficientemente em conta a essência da ação”: é assim que se inicia a primeira frase da carta, e fica claro o que essa frase tem em vista na época do social-utilitarismo [...] a tarefa do pensador não pode consistir em correr atrás de condições que se dissolvem às suas costas e de solidariedades que se enfraquecem [...] Sua tarefa era muito mais pensar em direção daquilo que reside à base dessas dissoluções provocadas pela Revolução Industrial e chamar o pensamento que se abrigou no cálculo e na produção de volta para si mesmo. (GADAMER, 2012, p. 247).

Para esclarecimento do exposto, nada mais correto do que a posição do autor da obra mencionada acima, Martin Heidegger. Segundo o qual,

Logo após a publicação de “Ser e tempo”, perguntou-me um jovem amigo: “Quando é que o Senhor vai escrever uma ética?” É que, quando se pensa a Essência do homem de modo tão essencial – a saber, unicamente a partir

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

da questão sobre a verdade do ser –, sem se fazer dele, no entanto, o centro do ente, sente-se também a necessidade de se indicarem preceitos e regras, que digam, como o homem, experimentado a partir da *ec-sistência* para o ser, há de viver historicamente. (HEIDEGGER, 1967, p. 83).

Com isso Heidegger faz entender que o pensamento, cujo objetivo dedica-se ao estudo do ser, não pode caminhar para um enfraquecimento por causa de questões práticas, diárias, corriqueiras etc., e afirma:

A “lógica” e a “física”, a “ética” aparece, pela primeira vez, na Escola de Platão. Surgiram no tempo, em que o pensamento se tornou “filosofia”, e a filosofia se fez episteme (ciência) e a própria ciência se transformou numa tarefa (*Sache*) de Escolas e de atividades “escolásticas” (*Schulbetrieb*). Através da filosofia, assim entendida, nasceu a ciência e pereceu o pensamento. (HEIDEGGER, 1967, pp. 84-85).

De acordo com o pensador alemão, deve-se salvaguardar o pensamento, mantendo-o originariamente afastado dessas tendências, em que apresentam soluções práticas para questões difíceis. Por esta razão, ele conclama:

Ultrapassaremos tudo que está na ordem do dia. Investigaremos algo, que transcende o trivial e ordinário da ordem de todo dia. Nietzsche disse certa vez (VII, 269): “Um filósofo é um homem, que constantemente vive, vê, ouve, suspeita e sonha... coisas extra-ordinárias. (HEIDEGGER, 1969, p. 43).

Heidegger tem a pretensão em dizer, para qualquer interlocutor, que uma ética como proposta para solucionar os problemas humanitários, só mostra que a solução para tais problemas não passa pela questão do ser, posto que esta não é a tarefa da filosofia, que consistiria, sim, em investigar o ser. Este proceder da filosofia não a descredencia nem a torna paladina do anti-humanismo. Para que isto seja ratificado com precisão, Heidegger ancora-se em pensadores anteriores ao arcabouço metafísico, ou seja, ele se refere a um pensamento originário. A título de ilustração, copilamos a afirmação de Emmanuel Carneiro Leão (1977, p. 79), que corrobora o que dizem ao afirmar: “Pensamento originário é o título de um questionamento que procura pensar o pensamento dos primeiros pensadores gregos. Tales, Anaximandro e Anaxímenes, [...], Heráclito e Parmênides”.

Por isso, alegamos que são esses filósofos que, por causa disso, não se tornaram meros pensadores, mas os pais de onde se originou o verdadeiro pensamento. Ainda, no dizer de Leão:

Já foram intitulados de pré-aristotélicos, pré-platônicos e pré-socráticos. [...] Em Sócrates, Platão e Aristóteles se inaugura uma decisão Histórica. A decisão das diferenças que, sendo já em si mesma metafísica, instala o

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

domínio da filosofia em toda a História do Ocidente. [...]. No poder de seu jogo é uma decisão que se decide pela filosofia contra o pensamento. Esta decisão metafísica não é um presente para sempre passado [...]. É um passado tão vigente que constitui a fonte donde vivemos hoje, a tradição que nos sustenta. Seu vigor histórico promoveu as transformações, as experiências e as interpretações de quase 25 séculos. Deu lugar a motivos orientais. Concebeu o cristianismo. Provocou o Humanismo, o Esclarecimento e a Ciência Moderna. (LEÃO, 1977, pp. 79-80).

Para Heidegger (1967, p. 85) esses “[...] pensadores não conheciam nem ‘lógica’ nem ‘ética’ nem ‘física’. Todavia, seu pensamento não era nem ilógico nem imoral”, porém o pensamento era o mais radical, mais originário e totalitário que já existiu. Conforme Leão (1977, p. 81) “[...] neste sentido a presente investigação não quer ser uma obra de historiografia filosófica. Pretende levar a sério que os primeiros pensadores gregos são pensadores e não filósofos”. E, acerca desse tipo de apreciação, Heidegger (1967, p. 85) afirma: “[...] caso seja permitida semelhante comparação, o dizer das tragédias de Sófocles conserva e encerra o *ethos* mais originariamente do que as preleções de Aristóteles sobre a ‘ética’”.

Podemos acrescentar, aqui, aquilo que o filósofo alemão menciona sobre Heráclito: “[...] uma sentença de Heráclito, que se compõe de três palavras apenas, evoca um vigor tão simples que faz resplandecer diretamente a Essência do Ethos” (HEIDEGGER, 1967, p. 85). Ao mencionar essa questão originária, Constança Marcondes Cezar transcrevia-a indiretamente da “Introdução à metafísica”. Nesta obra,

A questão originária é esquecida em uma época que enfoca o tempo apenas como “rapidez, instantaneidade e simultaneidade”, mergulhada na “fúria sem consolo de técnica (...) e da organização sem fundamento do homem normal”. (CEZAR, 2011, p.33).

Como já foi aduzido, o crivo que seleciona os homens para serem bons e os bárbaros ou estrangeiros para serem maus, é imposto e composto pela *Polis*. A *Polis* é o que legitima a humanidade do indivíduo. Através dela, são normatizados princípios para se agir harmonicamente nela mesma. Heidegger (1967, p. 23) atento a estas inclinações, adverte que o pensamento permanece longinquamente afastado da Essência do agir.

Este agir só é conhecido através de sua própria ação. Ele alega que “[...] só se conhece o agir como a produção de um efeito, cuja efetividade se avalia por sua utilidade”. Ainda em consonância com o filósofo alemão, podemos afirmar que esse agir não se ajusta a uma simples atitude ou comportamento do homem, mas ao ato de consumir. Nas palavras de Heidegger (1967, p. 23) significa: “[...] conduzir uma coisa ao sumo, à plenitude de sua essência”. Isto leva a entender que o pensamento é escutado até o ser, e é por isso que o autor alemão afirma: “[...] o pensamento con-soma a referência do ser à essência do homem. Não a produz nem a efetua. O pensamento apenas a restitui ao ser, como algo que lhe foi entregue pelo próprio ser” (HEIDEGGER, 1967, p. 23).

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

Com base nesse esclarecimento, é externado que o ser é o que confere ao homem sua humanidade e, por conseguinte, a história de ambos é simultaneamente experimentada. Por isto, Heidegger declara:

O pensamento é *'engagement'* pela e para a verdade do ser, cuja História nunca passou e sim sempre está por vir. A História do ser carrega e determina toda *'condition et situation humaine'*. (HEIDEGGER, 1967, p.26).

Por essa razão, o autor aponta o caminho em direção ao sentido do ser ou a verdade do ser. Na história da filosofia, a metafísica só fez arrastar o pensamento para o ente. O itinerário que ela construiu transformou o ser em ente. Assim, todo o ímpeto de Heidegger (2012, p.215) consiste em conduzir o pensamento em direção à verdade ou sentido do ser. Por este motivo, o pensador alemão confirma: “[...] o homem só é homem à medida que desdobra e desenvolve esse lampejo. A questão sobre a essência da verdade é a questão dominante do homem no homem”.

Quando o pensamento deixa de pensar a verdade e o sentido do ser e, por conseguinte, o homem abandona sua Essência, este pensamento passa a ser, no dizer de Heidegger, ocupação, e não um compromisso voltado para o ser.

CONCLUSÃO

A filosofia está perdendo definitivamente espaço para a ciência e a técnica. Será ela lembrada apenas nos documentos históricos e em museus? Parece-nos que esta realidade está próxima de acontecer. No Brasil isto se concretiza por causa de reformas direcionadas para educação. Setores reacionários que coordenam o Ministério da Educação, vêm nisso a “modernização” do ensino. Isto será aplicado, inicialmente, às escolas de ensino básico através da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em que se argumenta que o ensino para ser de qualidade tem que permanecer voltado para as chamadas “novas tecnologias”.

Caso não haja manifestações contrárias a essa tentativa de banir a filosofia dos recintos oficiais de ensino, a tendência se torna fato. Compete à comunidade acadêmica, muitas vezes desinteressada, refletir sobre o assunto, já que em suas Instituições de Ensino Superior (IES) são formados anualmente dezenas de milhares de graduados, mestres e doutores em filosofia.

Quem aposta naquela história de que isso não vai acontecer comigo, porque diz respeito ao ensino básico, especificamente ao ensino médio, está totalmente equivocado, pois o objetivo dessa política de “modernização” é atingir todos os níveis de ensino: básico e superior.

Isso reflete bem o entendimento de que a filosofia não serve para nada. Entre os filósofos isto deve suscitar inquietações, uma vez que isso se refere ao verdadeiro ato de filosofar. A filosofia não precisa fazer malabarismos para poder sobreviver a essa moda. Ela não pode deixar se seduzir pela força modista da técnica nem da ciência. Só porque estão em

Heidegger e o problema do conhecimento técnico científico para o ensino de filosofia

SOUSA, Alexandre Soares de

evidência não significa dizer que elas tem a última palavra em termos de verdade. Tampouco dogmatizá-las, afirmando que são a única forma de conhecimento que existe. Isto se deve tornar uma preocupação iminente, uma vez que tal compreensão marca todo o pensamento atual, pois alega que fora dele não há outra verdade, a não ser sua própria. Por causa disto, muitas são as tentativas para desvencilha a filosofia dessa poderosa armadilha, que a sucumbe para essa inclinação, visto que se ela não se submeter não terá notório reconhecimento.

Desse modo, pensamos a partir de Martin Heidegger elaborar esse artigo no intuito de contribuir para essa reflexão que põe em xeque o futuro da filosofia com a esperança de que tal impasse seja solucionado.

REFERÊNCIAS

- CESAR, Constança Marcondes. **Crise e liberdade em Merleau-Ponty e Ricouer**. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- FOGEL, Gilvan. **Que é filosofia?** – Filosofia como exercício de finitude. – Aparecida: Ideias & Letras, 2009.
- GADAMER, Hans Georg. **Hegel – Husserl – Heidegger**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção OS PENSADORES).
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução brasileira de Márcia de Sá Cavalcanti. Vozes: Petrópolis, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia de Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, 7ª ed.
- HEIDEGGER, Martin. **Sobre o humanismo**. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 lições sobre Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2015. – (Coleção 10 Lições).
- LEÃO, E. Carneiro. **Aprendendo a Pensar**. Petrópolis: Vozes, 1989, vol. I.
- PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri, Prefácio de José Trindade Santos. 3ª Edição, Lisboa: Gulbenkian, 2010.

DOI: [10.25244/uf.v12i2.382](https://doi.org/10.25244/uf.v12i2.382)

**Heidegger e o problema do conhecimento técnico
científico para o ensino de filosofia**

SOUSA, Alexandre Soares de

SPINELLI, Miguel. **Questões Fundamentais da Filosofia Grega**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. – (Coleção filosófica;152).